



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PARCEIROS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¾ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado
 Camila Lacerda Couto - Especialização
 Cléo Belício Lopes - Especialização
 Daniel Flores - Pós-Doutorado
 Débora Flores - Mestrado
 Denize Brum Camargo - Graduação
 Flavia Helena Conrado - Mestrado
 Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado
 Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização
 Mateus de Moura Rodrigues - Especialização
 Raquel Miranda da Silva - Especialização
 Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado
 Rosani Gorete Feron - Especialização
 Valéria Raquel Bertotti - Mestrado
 Viviane Portella de Portella - Mestrado

Comissão Central de Programação Científica



Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente
 Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro
 Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro
 Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro
 Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro
 Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro
 Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro
 Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro
 Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas
Ana Célia Rodrigues - UFF
André Malverdes - UFES
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL
Aurora Leonor Freixo - UFBA
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas
Carla Mara da Silva Silva- UFAM
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq
Carlos Blaya Perez - UFSM
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG
Dhion Carlos Hedlund - FURG
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC
Eliandro dos Santos Costa - UEL
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM
Flávio Leal da Silva - UNIRIO
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA
Heloísa Liberalli Bellotto - USP
Janilton Fernandes Nunes - UFAM
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP
Josemar Henrique de Melo - UEPB
Julianne Teixeira e Silva - UFPB
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG
Marcieli Brondani de Souza - UFAM
Margarete Farias de Moraes - UFES
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL
Maria Leandra Bizello - UNESP
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES
Mateus de Moura Rodrigues - FURG
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL
Sérgio Renato Lampert - FURG
Sônia Elisabete Constante - UFSM
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP
Úrsula Blattmann - UFSC
Welder Antônio Silva - UFMG

Comissão de Apoio



Secretária

Melina Pereira

Comissão de Divulgação

Everton Tolves
Pâmela Menezes Flores
André Grendene Azevedo
Maria Eduarda Flores

Comissão de Transportes

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon
Comissão Artística
Arion Pilla

Comissão de Projetos

Jonas Ferrigolo Melo
Juliana Kirchhof
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados

Camila Medeiros
Tamiris Carvalho
Catiana Ramiro

Comissão de Infraestrutura

Adriéli Mello
Douglas Duarte

Editoração e Revisão

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



Associação dos Arquivistas do RS - AARS

Biênio 2013 - 2015

Diretoria

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

CONSELHO FISCAL - TITULARES

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

CONSELHO FISCAL - SUPLENTES

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



SUMÁRIO

Sobre o Evento.....	09
AARS.....	11
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	12
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	328
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	370
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	615
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	730
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	949
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	1121
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	1143
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	1168
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	1220

SOBRE O EVENTO

VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



COMUNICAÇÕES ORAIS

EIXO:

**EPISTEMOLOGIA DA
ARQUIVOLOGIA E
FORMAÇÃO
PROFISSIONAL**

A ARQUIVÍSTICA NO UNIVERSO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: PRÁTICAS PROFISSIONAIS EM RE(CONSTRUÇÃO)

Jorge Santa Anna⁵⁰

RESUMO

A Ciência da Informação configura-se em face dos novos paradigmas instituídos pela sociedade contemporânea. Como grande área do conhecimento humano ela perfaz, no contexto brasileiro, sobremaneira, as profissões que gerenciam a informação, sustentando práticas profissionais inovadoras, como acontece intensamente na ambiência dos arquivos, sem, contudo, desconsiderar as atividades e importância social dessas unidades. Sendo assim, este estudo discute aspectos relacionados às transformações nas práticas profissionais arquivísticas, à luz do paradigma informacional e da aproximação da Arquivística no universo da Ciência da Informação. Contextualiza o papel da informação na sociedade moderna e seus impactos em meio à profissionalização; apresenta a Ciência da Informação como campo interdisciplinar e sustentador dos profissionais da informação; expõe a Arquivística como uma área em evolução, fomentando práticas profissionais inovadoras. Através de revisão na literatura foi possível constatar que se faz necessário a ampliação do campo delineado pela Arquivística estendendo-se ao campo da Ciência da Informação, fortalecendo as relações interdisciplinares de modo que, os arquivistas possam sustentar-se em um paradigma dinâmico, voltado, sobremaneira, ao uso da informação, sendo necessária, aos profissionais, a aquisição de novas competências, habilidades e atribuições.

Palavras-chave: Sociedade da informação. Informação orgânica. Arquivística. Ciência da Informação. Pós-custodial.

THE ARCHIVE IN THE UNIVERSE OF INFORMATION SCIENCE: PRACTICES IN RE (CONSTRUCTION)

ABSTRACT

Information Science configures itself in the face of new paradigms imposed by modern society. How large area of human knowledge she makes up in the Brazilian context, excessively, the professions that manage the information, supporting innovative business practices, as intensely in the ambience of the files, without, however, disregarding their activities and social importance. Thus, this paper discusses aspects related to changes in professional archival practices in the face of the informational paradigm and approach the world of Archival Information Science. Contextualizes the role of information in modern society and its impacts through the professionalization; presents information science as an interdisciplinary field and

⁵⁰ Professor do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduando em Arquivologia e bolsista de Iniciação Científica. Consultor informacional. Email: <jorjao20@yahoo.com.br>.

supporter of information professionals; exposes the Archives as an evolving area, fostering innovative business practices. Through literature review, we determined that it is necessary, the expansion of the field outlined by the Archivist extending the field of information science, strengthening the interdisciplinary relationships so that archivists can be grounded in a dynamic paradigm, focused greatly in the use of information, professionals, acquiring new skills, abilities and responsibilities is required.

Keywords: The information society. Organic information. Archival. Information Science. Post-custodial.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está repleta de inúmeras transformações, acometendo indivíduos, organizações e profissões. A velocidade com que as informações são geradas e ao mesmo tempo são regeradas, favorecendo novas reconstruções, colocam todos a caminho do aprimoramento constante. Em grande parte, não resta dúvida que esse novo panorama é fruto do avanço tecnológico, o qual desencadeou o aumento desenfreado da produção e transferência da informação.

Essa corrida vertiginosa desperta um contexto de competitividade, condicionando a busca pela inovação e criatividade, modificando constantemente velhas estruturas instituídas e ampliando as relações entre as nações, seja em âmbito local quanto global. Parece-nos que a profecia de McLuhan, formulada no final da década de 1960, sobre a aldeia global, fora efetivamente confirmada.

É bem provável que a explosão da informação contribuisse para que a informação passasse a ser o recurso mais precioso das sociedades. A globalização da economia mundial rompeu as fronteiras espaciais e temporais viabilizando o compartilhamento da informação de forma integrada. Realmente, esses tempos apocalípticos condicionam a necessidade de (re)definição de valores sociais e individuais, inserido no bojo das organizações quanto das profissões.

De forma um tanto exagerada, há muitos que consideram esses novos tempos como propagador de grandes conflitos, sobretudo no campo profissional, colocando em risco o desaparecimento de profissões há muito tempo instituídas na sociedade. Consideramos uma visão exagerada, pois a sociedade sempre foi marcada por constantes mudanças e no que se refere à profissionalização, os

campos profissionais vão sendo aperfeiçoados conforme as necessidades demandadas pela sociedade. Não é de hoje que a Teoria de Abolt⁵¹ foi estabelecida e continua aceita entre especialistas.

Especificamente ao contexto das profissões da informação, a Ciência da Informação adentrou-se no Brasil em meados do século XX, sendo considerada uma área em formação, fomentando inúmeras práticas profissionais atreladas a outras profissões. Smit (2000) considera-a como uma ciência formada pelas “Três Marias”: Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia.

No entanto, a Ciência da Informação, por ser uma área em evolução, apresenta-se em meio a profissionais que lidam com a informação, abarcando concepções abrangentes, que são utilizadas ora por uma área, ora por outra, não sendo possível até o momento, no âmbito brasileiro, a delimitação de seu escopo de atuação (OLIVEIRA, 2005). Segundo essa autora, além das questões tradicionais discutidas pelas “três Marias”, a Ciência da Informação expõe questões mais complexas, relacionadas ao uso e à recuperação da informação, complementando o ciclo da informação.

A literatura da área não entra em consenso a respeito dos propósitos da Ciência da Informação, o que dificulta sua identificação e institucionalização como campo profissional legitimado. Consideramos pertinente abordar as discussões de Saracevic (1996) ao proferir que o corpo teórico da Ciência da Informação se formou a partir do novo conceito de documento atribuído aos suportes informacionais, evidenciado com a renovação constante da tecnologia.

Desse modo, evidencia-se que o conceito amplo de documento, trazido pela Documentação, foi um dos fatores que tornou essa ciência com caráter genérico. Outro fator que tem contribuído para ampliar o escopo de atuação da Ciência da Informação foi a evolução da recuperação da informação, intensificada, sobremaneira, com o advento das novas tecnologias da informação (SARACEVIC, 1996). Esse autor destaca que a Ciência da Informação estuda problemas relacionados com os fluxos de informação, o que requer práticas profissionais mais complexas e interdisciplinares.

Nota-se que a Ciência da Informação exerce um papel de complementaridade, contribuindo para o desenvolvimento das ciências a ela

⁵¹ A ótica de Abolt parte do princípio de que as profissões não se oficializam em um meio social de forma pacífica. A profissionalização acontece em meio à busca por argumentos que justifiquem sua aceitação e reconhecimento na sociedade, permeado por um processo ideológico, competitivo e rival (MUELLER, 2004).

relacionadas. Enfatiza-se, aqui, o erro que muitos cometem ao estabelecer relações subordinadas entre as “três Marias” e a Ciência da Informação. A pesquisa de Ramos e Araújo (2014) demonstra que cada uma possui seu histórico de desenvolvimento, sendo reconhecida pela sociedade na resolução dos problemas, além de serem reconhecidas pela legislação brasileira. Assim, o campo da Ciência da Informação é um espaço de relações objetivas que congrega indivíduos e instituições com perfis e histórico de constituição muito diversificado [...] (RAMOS; ARAÚJO, 2014, p. 4).

No que se refere à ciência Arquivística em face dessas transformações e da contribuição advinda com o desenvolvimento da Ciência da informação no Brasil, a Arquivística é influenciada por constantes mudanças. Dentre uma das mudanças básicas que acarreta inúmeras outras, está no objeto de estudo da área que deixa de ser o documento para ser a informação arquivística (JARDIM, 1999; FONSECA, 2005; COOK, 2012, dentre outros).

No entanto, conforme problematizado por Jardim (1999), Fonseca (2005) e Cook (2012), dentre outros, as dificuldades de aceitação dessas mudanças constitui um impasse a ser superado por profissionais que adentram-se, tão somente, a fazeres técnicos. Além das dificuldades de reformulações das práticas por parte dos arquivistas, outro fator a ser superado está envolto à própria organização que, em muitos casos, não reconhece a valiosa contribuição do arquivo na resolução de problemas e auxílio na tomada de decisões.

É o momento de (re)pensar os fazeres arquivísticos, levando em consideração o que está sendo discutido na literatura da área, sobretudo nos ambientes acadêmicos e de pesquisa, além das reflexões apresentadas em eventos científicos. Os profissionais arquivísticos devem utilizar as contribuições da Ciência da Informação, compreendendo a nova concepção paradigmática, que deixa de centrar em um paradigma meramente de custódia dos documentos, para sustentar-se à concepção pós-custodial, tendo em vista a viabilização do acesso à informação.

Assim, são bem-vindos os dizeres de Cook (2012, p. 4) quando discursa que, “O papel da ciência arquivística em um mundo pós-moderno desafia arquivistas, em todos os lugares, a repensar sua disciplina e prática [...]”. Esse contexto permite indagar: como conscientizar os arquivistas do novo papel por eles assumidos nos arquivos modernos? A Ciência da Informação pode ser vista como ameaça ou oportunidade para a Arquivística? Como utilizar o paradigma pós-custodial em uma organizacional tradicional ainda inserida aos fazeres meramente técnicos? Quais as

mudanças que a informação arquivística como objeto de trabalho pode desencadear? Quais as contribuições da interdisciplinaridade?

Sendo assim, este estudo objetiva discutir aspectos relacionados às transformações nas práticas profissionais arquivísticas, em face do paradigma informacional e da aproximação da Arquivística no universo da Ciência da Informação. Para tanto, serão utilizados os seguintes passos: contextualizar o papel da informação na sociedade moderna e seus impactos em meio à profissionalização; apresentar a Ciência da Informação como campo interdisciplinar e sustentador dos profissionais da informação; e, para finalizar, expor a Arquivística como uma área em evolução, fomentando práticas profissionais inovadoras.

Metodologicamente, o estudo foi conduzido pela pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fontes de pesquisa: livros e artigos científicos publicados que retratam a temática em foco. Como estratégia de busca e seleção das fontes pertinentes à temática proposta, foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: “Ciência da Informação”, “Arquivologia”, “arquivista” “informação arquivística”, “profissional da informação arquivística”, e “práticas profissionais arquivísticas”. Essas palavras foram usadas em combinação no momento da busca.

Os livros foram selecionados a partir da consulta ao catálogo eletrônico de uma biblioteca universitária. Já os artigos científicos foram resgatados a partir da análise de publicações de revistas brasileiras da área de Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia indexadas no Portal da Capes.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A INFORMAÇÃO COMO INSUMO BÁSICO DE SUSTENTAÇÃO

As sociedades ao longo dos tempos foram sustentadas por paradigmas diferentes, os quais determinaram estágios evolutivos diferenciados, provocando interferências em todas as esferas sociais, seja política, econômica e cultural. A sociedade pós-moderna é fruto das consequências da industrialização que provocou o crescimento acelerado dos meios de produção, no entanto, essas estruturas somente são capazes de se manterem no mercado se estiverem em constantes aperfeiçoamentos.

A sociedade da informação, na qual vivemos na atualidade, considera a informação como recurso indispensável para a sobrevivência e adequação dos diferentes elementos que formam a ambiência social. A informação é o insumo básico que desencadeia o crescimento e continuidade das estruturas sociais, garantindo sua sobrevivência em meio à competitividade e instabilidades (VALENTIM, 2000).

Para se tornar válida aos sujeitos, a informação deve proporcionar a produção de conhecimentos que por sua vez desencadeará valor na vida dos indivíduos, aprimorando competências e habilidades. A sociedade é permeada por dados que, ao serem contextualizados, geram informação e essa ao ser agregada no cotidiano de vida do sujeito, formará conhecimento (BARRETO, 1994).

A importância da informação no mundo moderno despertou seu estudo, de modo a compreender esses estágios de transformação do dado ao conhecimento. Entende-se que a informação perfaz um ciclo (DODEBEI, 2002; LE COADIC, 2004), que vai se alimentando junto a outras forças advindas de contextos diferentes, dando origem a um fluxo continuado de informações, provocando construções e desconstruções (BARRETO, 1994).

A informação em fluxo atravessa diferentes estágios até ser acondicionada em estoques. Tal percurso perfaz a trindade: produção, distribuição e uso da informação que ao gerar conhecimento redimensiona a formação de novas informações. Esses estágios condicionam a agregação dos sujeitos, sobretudo ao atuarem em contextos organizacionais, viabilizando um trabalho colaborativo (BARRETO, 1994). Le Coadic (2004) corrobora com Barreto e afirma que nesse processo está fortemente marcada a questão da comunicação entre indivíduos, fato esse que aprimora as práticas de percepção, apropriação e geração de outros conhecimentos e informações.

No entanto, as informações que tramitam na sociedade estão livres, sendo utilizadas de diferentes formas. A fim de garantir maior contribuição na geração de novos conhecimentos, a informação precisa ser gerenciada. A palavra gestão da informação constitui uma das maiores preocupações de profissionais da informação, além de estar fortemente imbuída na ambiência de organizações modernas (VALENTIM et al., 2003).

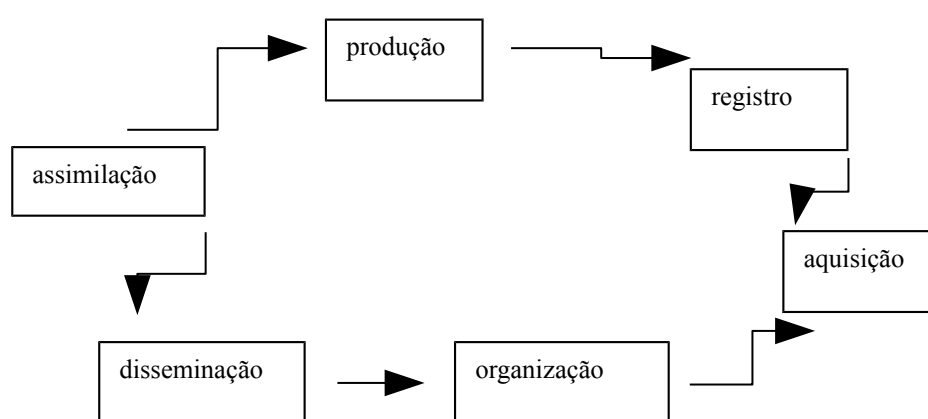
É nesse contexto que a indústria da informação ganha cada dia mais espaço e reconhecimento na sociedade. Por conseguinte, os profissionais da informação garantam seus espaços de atuação com excelência, pois são eles os responsáveis

em lidar com a informação, tratando-a e gerenciando com cientificidade os estoques informacionais (BAPTISTA, 2004).

No contexto específico das bibliotecas, arquivos e centros de documentação, a informação é materializada em suportes, deixando de estar livre (em fluxo, informação como processo) para adentrar-se à modalidade de informação registrada. As tarefas de gerenciamento demandadas nessas unidades são complexas, tornando o ciclo da informação mais ampliado do que a trindade proposta por Barreto e Le Coadic.

Na visão de Dodebei (2002), o ciclo da informação registrada perfaz seis etapas, nas quais permeiam todas as práticas profissionais relacionadas a fazeres técnicos, sem considerar outras tarefas a serem realizadas por esses profissionais como o serviço de referência e correlatos. Assim, a informação inicia seu ciclo desde o momento em que entra na unidade, através das etapas: produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação (Figura 1).

FIGURA 1 – Ciclo da Informação registrada



Fonte: Baseado em Dodebei (2002, p. 24).

Na visão de Lisboa e Zanaga (2009, p. 1), essas etapas, amplamente apresentadas como paradigmáticas na Ciência da Informação, “[...] procuram simplificar os processos criados pela produção, acumulação e uso de conhecimentos e os produtos gerados em suas várias formas representacionais [...]”.

Ora, se a informação constitui a matéria prima para o desenvolvimento da sociedade, logo, entende-se que os profissionais que lidam com as técnicas de

manuseio, gerenciamento, busca e localização da informação, certamente têm um futuro promissor em relação à sua atuação profissional. Desse modo, os profissionais da informação são requisitados para atividades que extravasem o simples tratamento informacional, mas que favoreçam a gestão dos fluxos de informação. Assim, a presença de profissionais de informação deve ser solicitada com o intuito de “[...] desempenhar um papel muito mais importante enquanto produtores de conhecimento, cabendo formular estratégia de ação como agentes sociais, privilegiando, nas suas formações, competências sobre o domínio e a rentabilização de **fluxos de informação**” (SANTOS; ELIEL, 2006, p. 23, grifo nosso).

As atividades que constituem o ciclo da informação fazem parte ou estão imbuídas àquelas pertencentes ao fluxo da informação em uma unidade de informação ou na sociedade. Assim,

Todas essas atividades estão orientadas para a organização de estoques de informação, de uso imediato ou futuro. Dois critérios permeiam o fluxo da informação entre os estoques, ou espaços de informação, e os usuários: o critério da tecnologia da informação, que almeja possibilitar o maior e melhor acesso à informação disponível; e o critério da Ciência da Informação, que intervém para qualificar este acesso em termos das competências que o receptor da informação deve ter para assimilar a informação [...] (LISBOA E ZANAGA, 2009, p. 1).

Os autores que tratam do gerenciamento da informação evidenciam a participação do profissional da informação no âmbito organizacional, sobretudo na consolidação da gestão da informação e do conhecimento. Essa nova atuação amplia as possibilidades de trabalho, devido a novos enfoques oriundos do novo conceito de documento e do valor informacional a ele agregado.

A partir do valor que a informação passou a possuir na atual sociedade, o estudo de Tarapanoff, Suaiden e Oliveira (2002, p. 1) proclamou que, no contexto contemporâneo, não há como delinear um perfil único para o profissional da informação, que passa a atuar como um "soldado universal" atendendo a todas as demandas de informação nas organizações e na sociedade. Concluem os autores que, há papéis a serem preenchidos e demandas específicas a serem atendidas por profissionais com os mais diversos perfis, consagrados e emergentes, mas que têm como único objetivo que é “[...] o trabalho com a informação e o conhecimento, agregando valor à primeira e facilitando o acesso e transferindo informação e o conhecimento para todos”.

Nesse contexto, o usuário da informação é aquele que desperta a adequação dos produtos e serviços de informação (ARAÚJO; DIAS, 2005). Segundo esses autores, deve haver a preocupação por parte dos profissionais da informação de colocarem-se a serviço da capacitação dos cidadãos para utilizar os instrumentos e serviços oferecidos pelas redes de comunicação eletrônica e potencializar as informações acessadas, ou seja, a capacidade de compreender as informações, tornando-as úteis e componentes de sua vida cotidiana.

Em suma, as transformações sociais condicionam o aperfeiçoamento das práticas profissionais, acarretando mudanças paradigmáticas em todos os sentidos, especialmente no âmbito da profissionalização (MILLER, 2004). No que tange aos profissionais da informação, é importante discutir que,

[...] a nova sociedade oferece campos de atuação a esses profissionais e a outros que tenham como característica a habilidade de lidar com a informação e o conhecimento, gerando novas informações e novo conhecimento com valor agregado, bem como trabalhar com o indivíduo, "animando-o" a participar da construção desta sociedade e de exercer a sua cidadania (TARAPANOFF; SUAIDEN; OLIVEIRA, 2002, p. 9).

Além dessas questões de gerenciamento da informação em meio a fluxos, bem como a disponibilização dos produtos e serviços em prol do usuário, é importante, também, destacar o novo conceito de documento, oriundo com o desenvolvimento da Documentação (OTLET, [2014?]). A nova concepção das características de um documento "[...] ampliou o campo de atuação dos profissionais da área ao ultrapassar os limites do espaço da biblioteca [e do arquivo] e agregar novas práticas de organização e novos serviços de informação [...]" (OLIVEIRA, 2005, p. 11). E é nesse contexto que a Ciência da Informação amplia suas demarcações que extrapolam as limitações e preocupações até então discutidas, sobremaneira, pela Biblioteconomia e Arquivologia.

Com o novo conceito de documento, a informação é tratada sob dois enfoques: o arquivístico e o bibliográfico. Analisando sob uma ótica mais arquivística, o documento, em geral, a partir dessa expansão, se estende a

Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras espécies documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características, expedidos ou recebidos por qualquer entidade pública ou privada no exercício de seus encargos legais ou em função das suas atividades e preservados ou depositados para preservação por aquela entidade ou por seus legítimos sucessores como prova de suas funções, sua política, decisões, métodos, operações ou outras atividades, ou em

virtude do valor informativo dos dados neles contidos (SCHELLENBERG, 2006, p. 41).

A informação contida no documento arquivístico, em linhas gerais, é fruto das atividades desenvolvidas por uma empresa ou por uma família, o que favorece o aparecimento na literatura da expressão “informação orgânica”. Diferentemente de séculos passados, em que o foco de atenção dos profissionais arquivistas era na unidade que mantinha o documento, posteriormente passou a ser no profissional arquivista, na pós-modernidade, os fazeres profissionais adentram-se à informação e sua circulação e uso na sociedade, fazendo despertar a necessidade de estudar, além dos documentos e dos fluxos, o usuário da informação (RIBEIRO, 2011; COOK, 2012).

Sendo assim, essas transformações estreitam as limitações existentes entre Ciência da Informação e a Arquivística, que passam a estarem mais atreladas, no intento de viabilizar novos campos de atuação para o profissional que lida com a informação orgânica. Os paradigmas são sustentados no novo papel que a informação passa a atuar no atual contexto, fato esse considerado como favorável à ampliação e aprimoramento das práticas arquivísticas.

2.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONTRIBUINDO PARA O APRIMORAMENTO DA ARQUIVÍSTICA

A Ciência da Informação é uma área que estuda a informação e todas as atividades a ela relacionadas, sejam atividades de gerenciamento, quanto atividades que despertem o acesso, bem como o seu uso no desenvolvimento da sociedade. Desse modo, essa área do conhecimento humano pretende investigar “[...] as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso [...]” (BORKO, 1968 apud SARACEVIC, 1996, p. 45-46).

O comportamento e as propriedades da informação diluem-se em meio às atividades de origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação, tendo a Ciência da Informação uma dupla característica, permeada por fundamentos teóricos e aplicabilidade prática. Sendo assim, segundo Borko (1968 apud SARACEVIC, 1996, p. 46), ela tem “[...] tanto um componente de ciência pura, através da pesquisa dos fundamentos,

sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços”.

A Ciência da Informação constitui uma área ampla, que envolve todas as etapas do ciclo da informação, desde sua geração, processamento, armazenamento e uso dessa informação (LE COADIC, 2004). Analisando todas as etapas do ciclo da informação, constata-se a presença de muitas profissões que abrangem algumas etapas do ciclo, como a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Documentação, a Linguística, a Informática, a Lógica, a Comunicação, dentre muitas outras.

Diante dessa dificuldade em instituir a Ciência da Informação como uma única área no gerenciamento total da informação, essa ciência foi caracterizada como uma grande área formada por outras áreas. Assim, inúmeros estudos tentam determinar quais áreas são abrangidas, sendo que a Museologia, a Biblioteconomia e a Arquivologia mais se destacam, consideradas como as "Três Marias" (SMIT, 2000).

De acordo com Santos e Eliel (2006), a Ciência da Informação é fruto das extensas discussões a respeito dos problemas de armazenamento, da conservação e do acesso à informação, problemas esses que são resultantes de uma evolução desde o advento da imprensa, e são objetos de longos estudos e de interesses social e econômico fundamentais para a sociedade denotada na atualidade de sociedade da informação.

Santos e Eliel (2006) enfatizam que a preocupação maior da Ciência da Informação é em evidenciar uma dimensão social concreta, aquela de uma informação: um significado transmitido a um ser consciente - um ser social em busca do conhecimento. Essa ciência se situa no contexto das ciências pós-modernas, interdisciplinares, que se constituem o principal meio de acesso a uma compreensão do social e do cultural.

Concorda com essa preocupação social, Saracevic (1996, p. 42) ao discorrer que a Ciência da Informação tem “[...] um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia”. Esse autor considera três características principais nas quais a Ciência da Informação se alicerça: interdisciplinaridade, tecnologia da informação e participante da evolução da sociedade da informação.

Essa trindade que acompanha a Ciência a Informação é evidenciada com mais ardor no âmago do processo de transferência da informação, processo esse que passa a ser o objeto de trabalho da área, conforme destacado por Fonseca (2005, p. 27) de que

[...] o objeto da Ciência da Informação é mais a transferência da informação de uma fonte para o usuário do que a informação em si mesma. Assim, essa área do conhecimento estaria voltada para o estudo da aquisição de conhecimentos, isto é, informação aos quais se emprestou uma significação [...].

A partir da análise do objeto dessa ciência como sendo a transferência, evidencia-se que as atividades de gestão não se limitam apenas ao ciclo da informação, mas também do fluxo que permeia o interior das unidades de informação e suas relações com o meio exterior (FONSECA, 2005). Afirma Fonseca (2005) que a Ciência da Informação fomenta relações interdisciplinares com outras disciplinas, como a arquivística, biblioteconomia, informática, jornalismo e comunicação, uma vez que todas essas áreas possuem como objeto imediato de pesquisa, a transferência informacional.

De forma um tanto exagerada, à qual não concordamos, dados os novos paradigmas instituídos pela sociedade contemporânea, Le Coadic (1996, p. 14) não agrupa a Arquivologia no campo da Ciência da Informação, pois, a Arquivologia compreende uma disciplina auxiliar da história, preocupando-se “[...] com a preservação dos documentos que resultam da atividade de uma instituição ou de uma pessoa física ou jurídica. Os arquivos não passam de documentos conservados, enquanto as bibliotecas são constituídas de documentos por elas reunidos”.

Ora, se a informação passou na atual sociedade, a ser vista sob diferentes enfoques, podendo ser analisada como processo, como conhecimento e como “coisa registrada” (COUTURE; DUCHARME; ROUSSEAU, 1988), não há porque atribuir aos arquivos apenas as funções de preservação, sustentando-o ao paradigma, tão somente, da custódia. O arquivo passa a ser um local para gestão de documentos dinâmicos e contextualizados, desencadeando um compromisso com o desenvolvimento individual, cultural e social (RIBEIRO, 2011; COOK, 2012; TOGNOLI, 2012), um dos compromissos também abrangidos pela Ciência da Informação.

De forma interessante, podemos perceber a profissão arquivística, além das profissões da informação. Isso porque, segundo Horsman apud Bellotto (2014, p. 260, grifo nosso), um arquivista não é bem um profissional da informação, uma vez que seu trabalho “[...] não é bem o dar acesso à informação e sim dar acesso ao registro, à prova. **E isso é mais do que informação.** Isso é a prova registrada das

atividades dos organismos públicos ou das organizações privadas”.

Enfatizando as reflexões de Silva e Ribeiro (2002), a informação no âmbito dos paradigmas arquivísticos é vista como

[...] conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes), socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionada.

A fim de garantir a existências das relações interdisciplinares entre Ciência da Informação e Arquivística, podemos recorrer à pesquisa de Tognoli (2012) quando descreve que, o fundamento dessa discussão é percebido a partir do momento em que houve a mudança de paradigma, que vem nos assombrando desde o início do século XXI, que é: “[...] a passagem do estudo do documento de arquivo para o estudo da informação orgânica registrada”.

A informação orgânica, segundo Tognoli (2012), é considerada sob o enfoque da “informação como coisa”, ou seja, informação registrada em um suporte, adquirindo características documentais. Essa informação materializada em um suporte constitui objeto mais palpável da Ciência da Informação (ou seja, aquele sobre o qual incidirão diretamente os processos da CI) e, conseqüentemente, da Arquivologia.

Nesse âmbito, o termo informação orgânica ou arquivística é utilizado para “[...] definir objetos, dados ou documentos cuja intenção é informar sobre alguma coisa. Portanto, essa informação deve ser tangível e passível de organização, para que possa ser acessada e relacionada à [Ciência da Informação]” (TOGNOLI, 2012, p. 116).

Segundo Fonseca (2005), o relacionamento entre Ciência da Informação e Arquivologia está mais evidente no contexto brasileiro do que no plano internacional, o que pode justificar a consideração exposta por Le Coadic (2004). Fonseca (2005) conclui que, mesmo estando fortemente ligada à Ciência da Informação, a Arquivística, em momento algum pode ser considerada como campo subordinado ou mantido pela Ciência da Informação. Ao contrário, o *corpus* teórico e metodológico da área, aliado às diferenciadas práticas profissionais a constituem como um campo autônomo, fortemente inter-relacionado com outras áreas da informação.

Por conseguinte, fica evidente que a Arquivística está recebendo, no contexto

atual, grandes contribuições da Ciência da Informação, sobretudo no que se refere ao problema da transferência informacional que perpassa os processos de busca e recuperação da informação, um dos alicerces muito presente na consolidação da Ciência da Informação (SERACEVIC, 1996).

Seracevic (1996) discursa algumas questões problemáticas relacionadas à Ciência da Informação, o que requer o desenvolvimento de pesquisa a fim de propor soluções. A recuperação da informação representou um marco, um avanço histórico na Ciência da Informação, principalmente, pelo fato do acúmulo de informações que surgiram no período pós Segunda Guerra Mundial. Todavia, alguns problemas se consolidaram, tais como: a) como descrever intelectualmente a informação? b) como especificar intelectualmente a busca?, e, por fim, c) que sistemas, técnicas ou máquinas devem ser empregados? (SARACEVIC, 1996).

Surge, assim, a existência dos sistemas de recuperação da informação em quaisquer ambientes informacionais, sejam em bibliotecas quanto em arquivos. Para Cendón (2005, p. 62), a eficiência dos sistemas de recuperação da informação automatizados adquire vantagens inquestionáveis, pois, "[...] esses sistemas favorecem maior número de pontos de acesso, podendo-se pesquisar por palavra chave, que aparecem em qualquer ponto do registro, inclusive no resumo e no texto completo quando esses estão disponíveis [...]". No entanto, as problemáticas inerentes à recuperação da informação ainda requer muitos estudos interdisciplinares, tendo em vista, viabilizar soluções.

A respeito da interação entre Ciência da Informação e Arquivística, consideramos um futuro promissor para os profissionais arquivistas, pois ao identificar a informação enquanto objeto de estudo, a Arquivística

[...] é inserida na chamada era da informação, e seu profissional passa a ser considerado um **gestor da informação**, muito mais do que um guardião de papéis velhos. Essa identificação permite, portanto, que a profissão do arquivista possa a ser central nas organizações, indo além de velhos porões, traças e mofos, como figura no imaginário popular, para um papel central no seio das organizações, onde é o seu lugar (TOGNOLI, 2012, p. 121, grifo nosso).

Devido à forte interdisciplinaridade entre as áreas da informação, vislumbra-se a formação de novas práticas profissionais, sobretudo quanto às questões que ainda são problemáticas, como a recuperação da informação e o uso da informação na sociedade, o que requer a formação de práticas profissionais inovadoras por

parte dos profissionais da informação (SANTA ANNA, 2014). No seio da prática arquivística, vê-se urgente a redefinição da postura do arquivista e seu real papel com o desenvolvimento da sociedade da informação. Desse modo, tendo como base as discussões de Ribeiro ([2014?], p. 9), ser arquivista passa a ser um desafio difícil, mas que deve ser superado, pois “[...] urge repensar toda uma herança empírica milenar e questionar o sentido da profissão, já não num quadro de atividades de salvaguarda do patrimônio, mas sim numa perspectiva de acesso e conservação da informação como fator de memória identitária do seu organismo produtor”.

Não resta dúvida de que, as competências, habilidades, contribuições, enfim as práticas exercidas por um profissional arquivista devem ser constantemente revistas, em face das transformações que são demandadas pela contemporaneidade. Contudo, é evidente que a Ciência da Informação muito poderá contribuir na formulação dessas novas práticas.

2.3 (RE)EVOLUÇÃO DA ARQUIVÍSTICA: UM NOVO PARADIGMA E PRÁTICAS PROFISSIONAIS INOVADORAS

Que as transformações sociais da atualidade afetam todos os elementos da sociedade, não resta dúvida. No entanto, resta-nos discutir quais são os impactos que a Arquivística é acometida nesses novos tempos. Para Ribeiro (2011, p. 61),

Nos anos mais recentes, começou a ser defendida a inserção da Arquivística no campo da Ciência da Informação. Foi o início da era “pós-custodial” em que os arquivos emergem como sistemas de informação, cuja complexidade nem sempre se confina à ordem material dos documentos e cuja organicidade transcende as vicissitudes da sua tradição custodial.

Segundo Ribeiro (2011), a Arquivística veio se constituindo ao longo dos tempos, sustentando-se em diferentes paradigmas, caracterizando diferentes fases em sua evolução histórica, que são: fase sincrética e custodial, fase técnica e custodial e fase científica e pós-custodial. Essa última representou uma evolução para a área, na qual foram delineadas as bases científicas que a elevaram à categoria de ciência, sendo os arquivos considerados como sistemas de informação.

Na fase pós-custodial, segundo Cook (2012, p. 5), os documentos deixam de ser percebidos como objetos físicos estáticos, e passam a serem vistos como conceitos dinâmicos virtuais. Nesse contexto, o arquivista não pode mais olhar para

documentos como produtos passivos da atividade humana ou administrativa, devendo considerá-los como agentes ativos na formação da memória humana e organizacional. Também é redefinido o contexto da criação de registros dentro de organizações hierárquicas estáveis para situá-los em redes horizontais fluídas de funcionalidade de fluxo de trabalho.

Essas novas concepções atribuídas ao contexto dos arquivistas e do arquivo exige o remodelamento dessa modalidade de unidade de informação, assim como requer a ampliação de um *corpus* teórico, epistemológico e metodológico mais consolidado cientificamente. Essas mudanças evidentemente provocam a redefinição nas práticas profissionais, fato esse que não pode ser analisado sob a ótica do fim da profissão, mas sim de sua transformação. Assim,

A mudança de paradigma exige que os arquivistas deixem de identificar-se como guardiões passivos de um patrimônio herdado, para celebrar o seu papel na formação ativa da memória coletiva (ou social). Dito de outra forma, o discurso teórico arquivístico está mudando de produto para processo, de estrutura para função, de arquivos para arquivamento, de registro para contexto de registro, de resíduo “natural” ou subproduto passivo da atividade administrativa para memória social construída conscientemente e mediada ativamente “archivalisation” (COOK, 2012, p. 5).

Não há como deixar de perceber, nesse processo, as contribuições que outras áreas do conhecimento, de forma interdisciplinar, desencadearão as atividades demandadas pelo paradigma pós-custodial. A Ciência da informação, especialmente na ambiência brasileira, como está em formação e ainda não possui um escopo de atuação devidamente e legalmente instituído, muito poderá contribuir na reformulação das atividades arquivísticas.

Segundo estudo realizado por Santa Anna (2014), os profissionais da informação, de modo geral, são privilegiados nesse contexto de interação entre as áreas, uma vez que adquirem novas oportunidades de trabalho, sustentando seus fazeres de forma interdisciplinar, não se limitando apenas às atribuições profissionais demandadas pela legislação, mas adquirindo novas habilidades e competências, sobretudo no que se refere às questões complexas demandadas pela Ciência da Informação.

Assim, novas práticas profissionais só tendem a crescer no futuro, reservando para os profissionais da informação, grande reconhecimento e necessidade de atuação no mercado de trabalho, determinando nos fazeres desses profissionais um futuro esperançoso. Grandes expectativas, anseios e desejos são esperados para o

amanhã, tendo os profissionais da informação grande participação na resolução de problemas oriundos da explosão da informação (SANTA ANNA, 2014).

Bellotto (2014, p. 257) corrobora com Saracevic (1996) ao afirmar que os reflexos das novas tecnologias da informação e o problema da recuperação e transferência da informação promovem os principais impactos na área. Assim, nas palavras dessa autora:

É notório e até demasiadamente reiterado que a arquivística, sendo ramo do conhecimento e área profissional diretamente ligada a todo o processo de informação, vem sendo altamente atingida e modificada pelas novas tecnologias da informação e da comunicação. Mas do que simplesmente facilitar-nos as tarefas profissionais pelas atividades de transferência da informação ou poupar-nos espaços com a condensação dos registros, os procedimentos e os meios eletrônicos, significam, para arquivos, uma completa revolução.

Essa (re)evolução condiciona a consolidação de um novo paradigma para a Arquivística, advindo das novas concepções atribuídas à informação e dentre outras pressões sociais. A Ciência da Informação, como campo abrangente, certamente, fomentará muitas práticas profissionais a quaisquer profissionais que lidam no seu cotidiano com a informação (SANTA ANNA, 2014).

Nas últimas décadas, especialmente com a virada de século e milênio, assistimos a grandes reviravoltas, que assombram muitas profissões. No entanto, a condição necessária para que profissões permaneçam no mercado será sua capacidade em inovar os fazeres profissionais conforme as necessidades sociais demandadas, adquirindo dessa forma, reconhecimento e, por conseguinte, firmando-se como campo necessário (MUELLER, 2005).

No âmbito da Arquivística, é louvável a mudança de paradigma, o qual fomenta práticas inovadoras. Desse modo, nos últimos anos, observa-se com vigor, na ambiência dos arquivos e dos profissionais que o gerenciam, novos fazeres. Os arquivistas evoluíram de acéticos e frios guardiões de uma herança documental para se transformarem em agentes intervenientes, que determinam padrões de preservação e gestão, selecionando para preservação de uma somente minúscula parcela do grande universo de informações registradas. Os arquivistas se transformam em ativos construtores de “suas casas de memória”. Assim, devem estar sempre atentos ao exame de suas políticas nos processos de criação e formulação da memória arquivística (COOK, 2000 apud FONSECA, 2005).

Esclarecem Tognoli e Guimarães (2011, p.), que as inovações não devem ser apenas na prática, mas devem ocorrer, substancialmente, no bojo epistemológico. Assim, mesmo tendo se consumado como disciplina autônoma, pautada em princípios científicos, a Arquivística e os fundamentos que a nutrem necessitam ser repensados e reformulados, dada a inédita quantidade de documentos gerados nos dias de hoje, inclusive em meio eletrônico, uma vez que as novas formas de produção documental e as novas tecnologias de informação apresentadas à sociedade têm levado os arquivistas a repensar o papel na chamada era da informação, assim como os princípios arquivísticos postulados nos manuais da área. Assim, os teóricos discutem que

As novas formas de produção documental e as tecnologias de informação permitem uma produção dinâmica, virtual, interativa e experimental de registros, sem precedentes. Os arquivistas passam a fazer parte dessa produção e devem trabalhar nessa direção, criando metodologias e padrões que assegurem a efetividade de seu trabalho (TOGNOLI; GUIMARÃES, 2011, p. 41).

A partir dessa análise, Tognoli e Guimarães (2011) consideram e com eles concordamos que o paradigma custodial, somente, não condiz mais com a realidade atual, uma vez que o arquivista não pode mais ser visto como um simples guardião dos documentos, imparcial e neutro. Nesse sentido, é necessária a emergência de abordagens que possam dar conta da nova realidade.

Resta-nos afirmar que, as mudanças devem começar a partir da formação profissional. Sobre essa questão, Bellotto (2014) considera que é preciso investir na reformulação dos currículos acadêmicos em face dessas mudanças, de modo a habilitar um profissional inovador e capacitado a fazeres condizentes com a realidade pós-moderna. Considera que, as mudanças são abrangentes, logo os estudantes não aprenderão tudo, porém, como todo moderno profissional, aprenderão a aprender.

Assim, essa discussão não encerra aqui, mais viabiliza a necessidade de novas pesquisas, seja com enfoque teórico e epistemológico, no intento de conscientizar os profissionais e corpo docente das novas circunstâncias, seja no enfoque prático, propiciando no cotidiano profissional, a consolidação de novos fazeres, adentrados com mais intensidade às necessidades da organização e dos desafios impostos pelo contexto social.

CONCLUSÃO

As discussões apresentadas neste trabalho viabilizam novos olhares à Arquivística moderna, despertando novas ações voltadas ao fazer arquivístico, tanto por parte dos profissionais arquivistas, quanto ao papel das unidades de ensino e formação desses profissionais, bem como das organizações modernas. A todos os envolvidos cabem a conscientização a respeito dos novos desafios instituídos pela sociedade na contemporaneidade e a necessidade de (re)construir novas práticas inovadoras voltadas para o gerenciamento e utilização das informações orgânicas.

A sociedade atravessa um momento de transição, influenciada pela crescente utilização das novas tecnologias e o acúmulo de informações que, para serem usadas com precisão, precisam ser gerenciadas e transferidas, o que requer a formação de profissionais da informação capacitados à condução do ciclo e do fluxo da informação, tornando a informação mais acessível e agregando valor às necessidades dos usuários da informação.

Não resta dúvida de que, essas transformações acarretam impactos no universo das profissões, especialmente aos profissionais que lidam direta ou indiretamente com as informações. Assim, a Ciência da Informação como área nova e interdisciplinar, possui uma bagagem teórico-metodológica sólida, podendo contribuir no aperfeiçoamento das práticas arquivísticas, voltadas para a inovação e para a resolução de inúmeros problemas empresariais e sociais.

Faz-se necessário, a ampliação do campo delineado pela Arquivística estendendo-se ao campo da Ciência da Informação, fortalecendo as relações interdisciplinares de modo que, os arquivistas possam sustentar-se em um paradigma dinâmico, voltado, sobremaneira, ao uso da informação, sendo necessária a esses profissionais, a aquisição de novas competências, habilidades e atribuições. Aqui, permite-se afirmar o desenvolvimento de outras pesquisas, teóricas ou práticas, que confirmem essa necessidade e importância de adequação da área em face dos novos desafios impostos pela pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; DIAS, Guilherme Atayde. A atuação profissional do bibliotecário no contexto da Sociedade da Informação: os novos espaços de informação. In: OLIVEIRA, Marlene de. **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAPTISTA, Sofia Galvão. As oportunidades de trabalho existentes na internet na área de construção de páginas de unidade de informação. In: _____; Mueller, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da informação: espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v 8, n 4 , 1994.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CENDÓN, B.V. Sistemas e redes de informação. In: OLIVEIRA, M. (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p.45-75.

COOK, Terry. A ciência arquivística e o pós-modernismo: novas formulações para conceitos antigos. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 3-27, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48651/52722>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

COUTURE, C.; DUCHARME, J.; ROUSSEAU, J. L'archivistique a-t-elle trouvé son identité? **Argus**, v. 17, n. 02, 1988, p. 51-60.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói, RJ: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. - Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LISBOA, Karollyne Lucas; ZANAGA, Mariângela Pisoni. Estudo do processo de gerenciamento de informações em organizações. In: **ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 16. PUC-CAMPINAS - 29 e 30 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?>

q=cache:s5f6pYj8mT8J:https://www.puc-campinas.edu.br/websist/portal/pesquisa/ic/pic2009/resumos/%257BBAA52DE3-B7ED-4464-BB20-D8560DEC8AD0%257D.pdf+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 24 jul. 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**: os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1969.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELO, Bernadete dos Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

_____. Profissional da Informação na ótica de Abolt. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (org). **Profissional da informação**: o espaço de trabalho. Brasília: Thesaurus, 2004.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: _____ (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

OTLET, Paul. **Documentos e documentação**. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

RAMOS, José de Alimateia; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, SP v.12 n.2 p.59-80 maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/4064/pdf_62>. Acesso em: 25 jun. 2014.

RIBEIRO, Fernanda. A arquivística como disciplina aplicada no Campo da ciência da informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 59-73, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/9887>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

SANTA ANNA, Jorge. Biblioteconomia, Ciência da Informação e os limites da interdisciplinaridade: fomentando práticas profissionais. In: **ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 1. 18 a 21 abr. 2014. Vitória, UFES, 2014, 1 CD.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; ELIEL, Regiane Alcântara. A CIÊNCIA E O NOVO ESTADO DO CONHECIMENTO: a contribuição da Ciência da Informação.

Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 22, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/ppgci/images/publicacoesdocentes/raimundo/08.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 6.ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das "ciências" documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SMIT, Johanna W. O profissional da informação e sua relação com as áreas de Biblioteconomia/Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000, p.119-134.

TARAPANOFF, Kira; SUAIDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções Sociais e Oportunidades para Profissionais da Informação. **DataGramZero**, v. 3, n.5 out./02. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/256/1/CECILIADTZ2002.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

TOGNOLI, Natália; GUIMARAES, José Augusto Chaves. A organização do conhecimento arquivístico: perspectivas de renovação a partir das abordagens científicas canadenses. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.1, p.21-44, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n1/a03v16n1.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

TOGNOLI, Natália. A informação no contexto arquivístico: uma discussão a partir dos conceitos de informação-como-coisa e informação orgânica. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, n. 1, p. 113-122, jul./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.aaerj.org.br/ojs/index.php/informacaoarquivistica/article/view/8/7>>. Acesso em: 20 maio 2014.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, n.9, p.16-27, jun. 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2000v5n9p16/5058>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

_____ et al. O processo de inteligência competitiva em organizações.
DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 1-23, jun. 2003. Disponível em:
<http://www.dgz.org.br/jun03/Art_03.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.